



VI Jornada Científica de Economia e Administração do Centro Oeste  
Campo Grande /MS – 29 à 31 de outubro de 2008

## OVINOCULTURA EM MATO GROSSO DO SUL

### PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL

André Sorio (mestrando em Agronegócios pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)-  
[andre.sorio@uol.com.br](mailto:andre.sorio@uol.com.br)

Mayra Batista Bitencourt Fagundes (professora titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) -  
[mayra\\_bitencourt@yahoo.com.br](mailto:mayra_bitencourt@yahoo.com.br)

Lucas Rasi Leite (Economista, M.Sc. em Agronegócios) - [lucasrasi@hotmail.com](mailto:lucasrasi@hotmail.com)

**Resumo:** Nos últimos anos, o estado de Mato Grosso do Sul se tornou o 8º maior rebanho ovino brasileiro – o maior fora do Sul e do Nordeste – e conta com o 2º maior abate inspecionado do Brasil. A possibilidade da ovinocultura de MS se inserir ainda mais na dinâmica competitiva dependerá em grande parte da capacidade de coordenação dos agentes sócio-econômicos de seu SAG. Desta forma, este artigo tem o objetivo de descrever quais são os elos do SAG da ovinocultura que podem ser encontrados no estado do Mato Grosso do Sul, desde os agentes privados, passando pelos agentes públicos e concluindo-se com o ambiente institucional. Para tanto, utilizou-se de uma pesquisa qualitativa: interpretação de fenômenos e a atribuição de significados; ambiente natural como fonte dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; análise de dados indutivamente e; os focos principais de abordagem sendo o processo e seu significado. Os resultados encontrados mostram que o Estado de Mato Grosso do Sul conta com grande número de instituições – públicas e privadas – destinadas à pesquisa na área. Existe uma quantidade significativa de associações de produtores de ovinos e frigoríficos espalhados por diversas regiões. Para completar, foi implementada uma política oficial de fomento à atividade, com incentivos fiscais para estimular o abate com inspeção sanitária.

**Palavras-chave:** carne ovina, sistema agroindustrial, abate clandestino

#### 1 – Introdução

O sistema agroindustrial (SAG) da ovinocultura no Mato Grosso do Sul (MS) vem aumentando sua importância econômica, alavancada pela necessidade de diversificação das atividades produtivas no meio rural. No entanto, são raros os estudos brasileiros que retratam a ovinocultura de forma organizada, estruturando a análise sob o ponto de vista de “um sistema que engloba todos os atores envolvidos com a produção, processamento e distribuição de um produto” (Goldberg, 1968). Dessa forma, ocorre uma dificuldade em se visualizar a atividade e suas implicações econômicas.

Sendo assim, é comum ocorrerem questionamentos sobre se a ovinocultura teria capacidade de se consolidar como cadeia produtiva de importância para o MS nos próximos anos. Em outras palavras, a pergunta recorrente é: o estado do MS conta com bases organizacionais que permitem prever uma possibilidade concreta de crescimento da ovinocultura? A resposta a essa pergunta ajudará a definir as ações do SAG do produto, particularmente aos agentes formuladores de políticas públicas. Afinal, por ser uma atividade ainda incipiente e com grande potencial de crescimento, é importante definir quais são as medidas que tem a possibilidade de incentivar o crescimento da ovinocultura no MS.

Atualmente a carne é o produto de maior significância para o SAG da ovinocultura em termos de valor no mercado, ao contrário do passado, quando a lã era o produto mais importante. Segundo Siqueira (2000) são necessários esforços para incentivar a produção, organizando toda a cadeia produtiva da ovinocultura, desde a orientação técnica passando pelo agrupamento dos produtores em associações e cooperativas, até a criação de canais de distribuição eficientes. Além disso, é necessário empreender uma rígida fiscalização para coibir os abates clandestinos que causam sérios riscos à saúde da população.

SEBRAE (2006) aponta o desenvolvimento do agronegócio da ovinocultura como estratégia para o desenvolvimento rural, que pode gerar um grande impulso para a economia do país. FAPEC/SEBRAE (2006a) afirma que a ovinocultura é setor emergente em MS, com grande potencial de crescimento, principalmente por se situar perto do grande mercado consumidor que é o estado de São Paulo.

O rebanho ovino das regiões tradicionais de criação - Sul e Nordeste - vem se mostrando insuficiente para suprir o mercado interno brasileiro, abrindo espaço para aumento contínuo das importações. Conforme o MAPA (2008), de 2002 a 2007 o valor das importações brasileiras de carne ovina passou de 3,8 milhões de dólares a 17,1 milhões de dólares, um aumento de 450% em 5 anos. O Uruguai é o principal fornecedor de carne ovina para o Brasil, com sua participação oscilando sempre acima de 90% do total importado. Outros fornecedores esporádicos são Nova Zelândia, Argentina e Chile.

Viana; Silveira; Arbage (2007) escrevem que um dos grandes desafios da cadeia está em competir com a carne ovina uruguaia, que é encontrada com facilidade nos balcões de venda do varejo. Esta carne apresenta um preço competitivo, quase sempre inferior à carne brasileira, e mantém um enfoque de ser de qualidade supostamente superior.

Sorio; Fagundes; Leite (2008), encontraram carne ovina uruguaia em 11,1% dos estabelecimentos varejistas de Campo Grande, o que mostra que os uruguaiois são competidores fortes e que devem ser levados em consideração quando se analisa o SAG da ovinocultura.

O estado de Mato Grosso do Sul (MS) é tradicional produtor de carne bovina, sendo detentor do segundo maior rebanho de corte do Brasil (IBGE, 2008). No entanto, o sistema de produção mais comumente usado é muito próximo do extrativismo, o que compromete as taxas de rentabilidade das propriedades de pecuária bovina com os níveis de preço que o mercado estabelece atualmente.

FAPEC/SEBRAE (2006b) demonstra que no MS as propriedades que exploram a bovinocultura de corte, para obter níveis de rentabilidade que cubram os elevados custos fixos inerentes à atividade, devem ter entre 1.222 e 1.777 hectares de pastagem, dependendo do sistema de produção adotado. Ou seja, a bovinocultura de corte mostra índices abaixo do que deveria ser alcançados com o uso da tecnologia já disponível. Desta forma, somente as propriedades maiores, que contam com uma escala de produção adequada, conseguem sobreviver nesta atividade. De acordo com IEL (2000), citando fontes diversas, 85,03% dos estabelecimentos agropecuários que se dedicam à produção de bovinos em MS, tem menos de 1.000 hectares. E 50,37% têm área de até 100 hectares.

Sendo assim, é necessário buscar alternativas de diversificação e aumento da eficiência produtiva para as propriedades pecuárias de MS, principalmente pequenas e médias, que não conseguem mais sobreviver explorando a bovinocultura. Com as possibilidades advindas da expansão da ovinocultura e por suas características agroindustriais, abre-se uma perspectiva importante, que se enquadra no programa de desenvolvimento de longo prazo de MS. IPLAN (2001) apresenta entre vários projetos estruturadores de longo prazo para MS, o fomento à pecuária de pequeno porte, isto é, ovinos, caprinos, suínos e aves.

Diferente de uma análise voltada para um único agente a abordagem de SAG remete à visão sistêmica do processo como um todo, englobando todos os agentes envolvidos desde a compra de insumos para produção, até a venda ao consumidor final. Os ambientes institucional e organizacional, embora nem sempre considerados quando se delimita as cadeias produtivas para estudo, são indispensáveis para seu funcionamento e sustentabilidade. (SILVEIRA, 2005)

Sendo assim, este artigo tem o objetivo de descrever quais são os elos do SAG da ovinocultura que podem ser encontrados no estado do Mato Grosso do Sul, desde os agentes privados, passando pelos agentes públicos e concluindo-se com o ambiente institucional.

## **2 – Metodologia**

Este estudo possui características citadas por Aaker; Kumar; Day (2004) como sendo de uma pesquisa qualitativa: interpretação de fenômenos e a atribuição de significados; ambiente natural como fonte dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; análise de dados indutivamente e; os focos principais de abordagem sendo o processo e seu significado. O enfoque proposto é caracterizado por três elementos principais: o uso maximizado de informações de fontes secundárias; observação direta dos estágios da cadeia estudada e a condução de entrevistas informais e semiestruturadas com elementos-chave que a compõem.

## **3 – Resultados e discussão**

As cadeias produtivas podem ser divididas em três macrosssegmentos: comercialização, industrialização e produção de matérias primas. A cadeia de produção pode ser vista como um sistema aberto, onde as fronteiras são permeáveis e permitem trocas com o meio, sua estrutura é percebida como a maneira pela qual seus elos estão integrados internamente. Enquanto sistema ela evolui no espaço e no tempo em função de mudanças internas e externas (BATALHA, 2001).

Os ambientes institucional e organizacional, embora nem sempre considerados quando se delimita as cadeias produtivas para estudo, são indispensáveis para seu funcionamento e sustentabilidade. (SILVEIRA, 2005)

Para Zylbersztajn (2000), estes são os agentes que realmente fazem os sistemas funcionarem, atuando como margens para o fluxo das cadeias. Ressaltando que as mudanças nas organizações podem ocorrer com rapidez, o que não ocorre com frequência nas instituições. O ambiente institucional é formado pelos aspectos normativos e legais, como leis, hábitos, costumes e cultura. Enquanto o ambiente organizacional é composto pelas organizações representativas, que regulam as atividades econômicas inseridas em um determinado espaço geográfico.

O atual crescimento do consumo de carne ovina no Brasil está direcionado para nichos de mercado existentes nas grandes cidades, onde o poder aquisitivo da população é maior. Este direcionamento exige qualidade, cortes especiais e continuidade de abastecimento. A

popularização do consumo exigirá a organização da cadeia produtiva em todos os seus componentes (COUTO, 2003).

### 3.1 – Produção primária

O estado de MS conta com um rebanho de quase 440 mil cabeças de ovinos, em crescimento ininterrupto desde o início dos anos 2000. Atualmente, detém o 8º maior rebanho ovino entre os estados brasileiros e o maior da região Centro-Oeste. A participação do rebanho de MS no total nacional aumentou continuamente, chegando a 2,85% no ano de 2006. Estas informações podem ser vistas de forma mais clara na Tabela 1.

Tabela 1 – Evolução do rebanho ovino do Brasil e de MS entre os anos 2000 e 2006

	Brasil	MS	% do rebanho brasileiro
2000	14.784.958	378.131	2,56
2001	14.638.925	386.767	2,64
2002	14.277.061	395.016	2,77
2003	14.556.484	405.153	2,78
2004	15.057.838	417.356	2,77
2005	15.588.041	439.782	2,82
2006	16.019.170	456.322	2,85

Fonte: IBGE, 2008a

Os rebanhos estão espalhados por todas as microrregiões de MS. A microrregião onde está o rebanho mais numeroso é Dourados, seguido por Bodoquena, conforme pode ser visto na Tabela 2

Tabela 2 – Distribuição do rebanho ovino nas microrregiões de MS

	Cabeças
Baixo Pantanal	35.827
Aquidauana	26.047
Alto Taquari	51.160
Campo Grande	41.734
Cassilândia	16.520
Paranaíba	25.812
Três Lagoas	50.297
Nova Andradina	23.115
Bodoquena	61.126
Dourados	70.868
Iguatemi	53.816
Total	456.322

Fonte: IBGE, 2008a

### 3.2 – Indústrias

No elo industrial do SAG, o Mato Grosso do Sul é privilegiado, com a existência de 4 frigoríficos com inspeção sanitária federal autorizados a abater ovinos, distribuídos em regiões distintas. Campo Grande – Frigorífico JS; Nova Andradina – Frigorífico Andrade; Cassilândia – Frigorífico Tatuibi; e Dourados – Frigorífico Pérola.

O abate inspecionado de ovinos no Brasil vem aumentando nos últimos anos. E ao mesmo tempo, a participação de MS nos abates inspecionados brasileiros vem se tornando mais relevante desde 2005, como pode ser visto na Tabela 3.

Tabela 3 – Evolução dos abates de ovinos com inspeção federal no Brasil e em MS entre os anos 2003 e 2007

	<b>Brasil</b>	<b>MS</b>	<b>% de abate em MS</b>
2003	79.036	0	0
2004	135.076	0	0
2005	162.221	687	0,42
2006	228.516	8.645	3,78
2007	269.296	18.702	6,94
2008*	161.636	15.336	9,49

\* janeiro a agosto de 2008

Fonte: SIF, 2008

No entanto, Sorio e Fagundes (2008) encontraram diferenças na política de preços ao produtor entre os frigoríficos de ovinos de MS, o que demonstra que ainda não existe uma maneira coerente de formação de preços para esta atividade no estado.

### 3.3 – Varejo

Conforme Sorio; Fagundes; Leite (2008), 63,7% dos estabelecimentos varejistas de Campo Grande comercializam carne ovina. A maior concentração é nos supermercados, com 57,9% e nas butiques de carne, com 100% de presença.

Segundo Neto (2004), há uma tendência de declínio do autoconsumo nas propriedades, crescendo a tendência de comercialização em supermercados e açougues. Em Salvador, SEBRAE (2000) encontrou que os consumidores das classes A e B preferiam adquirir a carne ovina em supermercados. E que estes mesmos consumidores dão ampla preferência às carnes resfriadas em relação às carnes congeladas. Ao mesmo tempo, os entrevistados apontaram como motivo principal que estimularia o consumo de carne ovina uma maior facilidade de

aquisição dos produtos. Souza (2006) encontrou que 79% dos consumidores de carne ovina do Distrito Federal se utilizava dos supermercados como local de compra.

Os cortes mais comuns encontrados são: o pernil, a paleta e a costela, com frequência que varia conforme a pesquisa realizada (Carneiro, 2002; FAPEC/SEBRAE, 2006a; Sorio; Fagundes; Leite, 2008).

No aspecto de preço, Sorio; Fagundes; Leite (op.cit.) encontraram uma variação grande entre os locais de comercialização, o que confirma que os mecanismos de formação de preço ainda não estão muito claros dentro da cadeia da ovinocultura.

Souza (op.cit.) encontrou também grandes variações nos preços dos cortes ofertados no Distrito Federal, sendo as maiores diferenças para picanha, paleta, filé e carré francês. E as menores diferenças para carré inteiro e costela.

A promoção da carne ovina é feita de forma tímida e incipiente. São raros os estabelecimentos que apresentam alguma forma de estímulo ao consumo, normalmente sob a forma de banners ou de balcões específicos para a carne ovina (Sorio; Fagundes; Leite, op.cit.)

### **3.4 – Consumidor**

É difícil precisar o consumo de carne ovina no Brasil, em função do elevado nível de autoconsumo nas propriedades rurais. Estima-se entre 0,6 e 1 kg por habitante por ano o consumo brasileiro de carne ovina (SILVA, 2002; SEBRAE, 2006).

Assumindo-se o valor mais baixo demonstrado acima, pode-se estimar um consumo de cerca de 113 mil toneladas. Campos (1999), citando diversos autores, mostra que o tamanho médio da carcaça de ovino no Brasil é de 14 kg. Então, o consumo de carne ovina no Brasil equivale às carcaças de aproximadamente 8,1 milhões de cabeças. Nesse sentido, a importação do Uruguai equivale a cerca de 559 mil cabeças. Portanto, o abate nacional deveria chegar a 7,54 milhões de cabeças, ou 46,5% do rebanho total. Este valor está próximo do que Couto (2003), utilizando dados da FAO, mostrou que vem sendo observado no mercado mundial, onde o abate chegou a 489,1 milhões de cabeças em 2002, significando 47,3% do rebanho total.

Outros estudos conduzidos no Brasil trazem estimativas sobre o consumo per capita em cidades brasileiras. SEBRAE (1998a) calculou um consumo per capita de 0,59 kg por ano em Fortaleza (CE). Em Natal (RN) estima-se que o consumo per capita anual chegue a 0,43 kg (SEBRAE, 2001); no Distrito Federal, 0,46 kg (SOUZA, 2006). Moreira et al (1998)

encontraram um consumo per capita anual de 0,61 kg em Juazeiro (BA) e de 0,87 kg em Petrolina (PE).

Se os dados encontrados para as capitais citadas acima forem extrapolados para Campo Grande que, segundo o IBGE (2007), conta com uma população de 724.524 habitantes, o município deveria atingir um consumo entre 311 t e 427 t de carne ovina por ano.

A criação de ovinos está associada à ocupação do território de MS. E mesmo que nunca tenha se tornado uma atividade econômica de importância equivalente à de criação de gado bovino, a alimentação dos sul-matogrossenses sempre esteve ligada de alguma forma à carne ovina. E esta característica foi reforçada posteriormente, com a chegada de imigrantes que tinham a tradição de consumo de carne ovina, como os gaúchos, nordestinos e sírio-libaneses. (Sorio e Mariani, 2008)

Os mesmos autores afirmam que a carne ovina é consumida no MS principalmente na forma de assados e churrascos. Também são pratos encontrados com certa frequência pelo Estado: cozido de pescoço de ovelha em fatias com arroz; carneiro no rolete (assado em uma churrasqueira fechada); pucheiro de ovelha (cozido de costela com mandioca); carne ovina cortada em tiras e frita (semelhante ao que se faz com carne de porco) e; à moda da cozinha do Oriente Médio, como *kibes*, *kafta*, ao molho com vinho e recheado.

Conforme Sorio et al (2008), 92,1% dos consumidores de Campo Grande já consumiu carne ovina, sendo que 53,% dos entrevistados afirmaram consumir carne ovina pelo menos 1 vez a cada trimestre, dos quais 32,2% consomem uma vez por mês ou mais.

No mesmo estudo, os consumidores afirmam que se a carne ovina estivesse disponível no cardápio, 70,4% dos entrevistados consumiriam os pratos, com um adicional de preço de 10% sendo aceito por 56,2% da amostra populacional.

### **3.5 – Insumos**

Os fabricantes de vermífugos e vacinas para ovinos são os mesmos que produzem os materiais para outros animais, então se utilizam dos mesmos canais de distribuição. Da mesma forma, os fabricantes de sal mineral e ração para bovinos costumam contar em seu portfólio com produtos específicos para ovinos, que são distribuídos utilizando-se a logística já existente. Como os ovinos são ruminantes e se alimentam basicamente de pastos, os insumos aplicados na pastagem para bovinos naturalmente podem beneficiar os ovinos – fertilizantes, herbicidas, inseticidas, etc.



Em resumo, a ovinocultura é uma atividade que se utiliza basicamente dos mesmos insumos agropecuários utilizados pela bovinocultura. Desta forma, existe em MS um amplo comércio varejista de insumos, o que facilita a aquisição dos produtos necessários para a condução da atividade.

### **3.6 – Ambiente Organizacional**

As organizações articulam as interações econômicas, sociais e políticas entre os indivíduos e grupos sociais. Articulando mecanismos de coordenação que permitem alcançar resultados econômicos superiores aos que poderiam ser alcançados através de esforço individual. O MS conta com diversas organizações que tem como objetivo auxiliar o progresso da ovinocultura no estado. Pode se considerar privilegiado, na verdade, com a quantidade de entidades que se dedicam a este finalidade. Os produtores estão organizados na Associação Sul-matogrossense de Criadores de Ovinos – Asmaco e na Associação Sul-matogrossense de Criadores de Santa Inês – Assin. Além disso, existem técnicos de registro da Associação Brasileira de Criadores de Ovinos – ARCO em diversas regiões do estado.

Em diversas cidades os produtores estão organizados em núcleos oficializados - Anaurilândia, Campo Grande, Corumbá, Coxim, Dourados, Eldorado, Miranda, Ponta Porã, Três Lagoas e São Gabriel do Oeste, totalizando 10 núcleos. (Sorio e Fagundes, 2008)

O SEBRAE-MS mantém um programa de apoio à ovinocultura de MS. Entre os subprogramas, existe um chamado de Projeto Aprisco, que fornece consultoria aos produtores organizados em diversos municípios. Existem núcleos do Projeto Aprisco em Anaurilândia, Dourados, Maracaju e Santa Rita do Pardo. Da mesma forma, o SENAR-MS tem à disposição dos produtores um programa de treinamento de mão-de-obra para ovinocultura, chamado de Manejo Básico de Ovinos, que é ministrado em todo o MS, conforme a demanda dos sindicatos rurais. A Câmara Setorial Consultiva de Ovinocaprinocultura de MS, fundada em 2003, foi a primeira desta atividade no país e inspirou a criação da Câmara Nacional, em 2005.

No setor de pesquisa, ocorreu a instalação pela Embrapa do Núcleo Centro-Oeste de Caprinovincultura em Campo Grande no ano de 2005. São apenas 4 núcleos no país, no Ceará, no Rio Grande do Sul e em São Paulo, além de MS. Ao mesmo tempo, são realizadas pesquisas com ovinos na Universidade Federal de MS, na Universidade Estadual de MS e na Universidade para o Desenvolvimento do Pantanal – Uniderp.

O apoio do governo federal se complementa com a construção, pelo Ministério da Integração Nacional, de bases de apoio a arranjos produtivos locais da ovinocultura em Campo Grande e em Ponta Porã em 2008.

### **3.7 – Ambiente Institucional**

Os fatores institucionais fazem parte da formação dos processos econômicos influenciando a maneira que as atividades econômicas serão organizadas e coordenadas. As tentativas do Estado de Mato Grosso do Sul em normatizar o comércio da carne ovina remontam a 1975, ainda na época do Mato Grosso uno, com o Convênio ICM 35/75, que estende à saída de gado ovino e carnes ovinas o tratamento tributário estabelecido para o gado bovino e carnes bovinas. Após esta primeira legislação específica, os ovinos sempre foram atrelados à legislação tributária de bovinos, tanto para movimentação de animais puros, como de animais em pé ou para comercialização de carne, como pode ser visto nos Convênios ICM 35/77, ICM 68/86, ICM 23/87, ICMS 70/92, ICMS 36/99, ICMS 27/2002 e ICMS 89/2005. Também tratam do assunto, sempre ligado à normatização da carne bovina, o Código Tributário Estadual, e várias Portarias, Instruções Normativas e Decretos.

Justamente um Decreto, 11176 de 11 de abril de 2003, depois complementado com o decreto 11269 do mesmo ano, criou o Programa de Avanços na Pecuária de Mato Grosso do Sul (Proape), visando a expansão e o fortalecimento da bovinocultura, da suinocultura, da ovinocaprino cultura e da piscicultura. Dentre os objetivos gerais que mais interessam à ovinocultura, foi descrito: aumentar o desfrute dos rebanhos; elevar o nível de produtividade do sistema de produção de carnes especiais; ampliar a produção de couro de qualidade e; desenvolver e incentivar o mercado de carne de qualidade.

No entanto, efetuando-se uma análise das características dos incentivos concedidos ao longo dos últimos anos para a ovinocultura, observa-se que esses incentivos não parecem incorporar mecanismos de estímulo à modernização tecnológica das empresas, nem ao treinamento e aperfeiçoamento técnico da mão-de-obra empregada. Estes incentivos não prevêm, também, a indução da interação entre empresas, clientes e fornecedores nem possuem mecanismos de estímulo à criação de vantagens competitivas dinâmicas permanentes para o MS.

Segundo Fagundes; Sorio; Cruzetta (2008), nesse sentido cabe ressaltar que mesmo o Proape, que condiciona a obtenção de benefícios de ICMS pelo produtor considerando fatores como nível tecnológico da exploração e adoção de boas práticas de produção, não parece possuir

mecanismos capazes de estimular a incorporação do desenvolvimento tecnológico nem a busca de atuação coordenada por parte dos produtores e empresas locais.

Por outro lado, apesar de as metas estabelecidas para o Proape estarem distantes de serem alcançadas, é inegável que ocorreu um avanço na organização da cadeia produtiva da ovinocultura em MS após a implantação deste programa. Isto pode ser visto com o aumento dos núcleos de produtores em todo o estado e com o aumento do abate com inspeção sanitária. De qualquer maneira, a quantidade de produtores cadastrados no Proape é muito pequena se for comparada à quantidade de associados da ASMACO, demonstrando que a concessão de incentivos fiscais, por si só, não consegue atrair os agentes da SAG. (SORIO e FAGUNDES, 2008)

Outro fator institucional que afeta o SAG da carne ovina é a tradição do abate clandestino destes pequenos animais. Pela facilidade de abate, transporte e armazenamento dos ovinos, é muito comum a comercialização de animais sem inspeção sanitária. Em Campo Grande, Sorio; Fagundes; Leite (2008), encontraram 22,2% dos estabelecimentos varejistas vendendo carne ovina oriunda do abate clandestino. Estes estabelecimentos sempre são abastecidos diretamente por algum criador que faz o abate em sua propriedade rural e não por um abatedouro sem registro. E os cortes nestes estabelecimentos são vendidos cerca de 14% mais baratos do que nos locais onde a carne vendida provém de locais com inspeção sanitária ao abate.

Estes fatos corroboram o que diz FAPEC/SEBRAE (2006a) que afirma que muitos criadores do MS abatem animais clandestinamente, entregando-os diretamente para açougues, como forma de aumentar suas margens.

Sorio e Fagundes (2008), chegaram à conclusão de que cerca de 70% do rebanho de MS é abatido e comercializado sem inspeção sanitária, isto é, de forma ilegal. E este comércio clandestino provoca perdas na arrecadação de ICMS de cerca de R\$ 1,3 milhão por ano.

#### **4 – Considerações finais**

Nos últimos anos, o MS se tornou o 8º maior rebanho ovino brasileiro – o maior fora do Sul e do Nordeste – e conta com o 2º maior abate inspecionado do Brasil. Além disso, conta com grande número de instituições – públicas e privadas – destinadas à pesquisa na área. Existe uma quantidade significativa de associações de produtores de ovinos e frigoríficos espalhados por diversas regiões. Para completar, foi implementada uma política oficial de fomento à atividade, com incentivos fiscais para estimular o abate com inspeção sanitária.

A possibilidade da ovinocultura brasileira e de MS se inserir com sucesso nesta nova dinâmica competitiva dependerá em grande parte da capacidade de coordenação dos agentes sócio-econômicos de seu SAG. Conhecimento do próprio mercado, domínio das informações relevantes e capacidade para programar ações estratégicas adequadas à nova realidade são os grandes desafios do SAG da carne ovina do Mato Grosso do Sul.

Neste sentido, é importante para os agentes do SAG da ovinocultura do Mato Grosso do Sul entender o contexto de coordenação da cadeia, para que seja possível buscar formas consistentes de atuação, com intuito de garantir a sobrevivência da ovinocultura e aumentar os resultados econômicos da atividade. Ao mesmo tempo, o combate ao abate clandestino, sem inspeção sanitária, deve ser intensificado, como forma de estimular as indústrias já instaladas, garantir a qualidade da carne ao consumidor e também gerar recursos para que o governo estadual possa investir mais no desenvolvimento da ovinocultura.

Como sugestão para trabalhos futuros seria importante uma análise da competitividade da ovinocultura no Estado de Mato Grosso do Sul, analisando especificamente, o ambiente tecnológico, estratégias competitivas, bem como a estrutura de governança presente na cadeia da ovinocultura.

## **5 – Referências**

- AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Atlas, 2001.
- BATALHA, M. O.; SILVA, A. L. *Gerenciamento de Sistemas Agroindustriais: Definições e Correntes Metodológicas*. In: BATALHA, M. O. (Coord.). *Gestão Agroindustrial*. São Paulo: Atlas, 2007. V.1.
- CAMPOS, R.T. *Uma abordagem econométrica do mercado potencial de carne de ovinos e caprinos para o Brasil*. Revista Econômica do Nordeste:Fortaleza, jan-mar 1999.v.30 n.1, p.26-47
- CARNEIRO, L.O.H.B. *A ovinocultura de corte em Mato Grosso do Sul: uma alternativa econômica*. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2002. 21p. (Monografia de Especialização em MBA)
- CONAB. *Safras – grãos*. <http://www.conab.gov.br/conabweb/index.php?PAG=131>. Acesso em 27 set 2008
- COUTO, F.A.A. *Dimensionamento do mercado de carne ovina e caprina no Brasil*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE OVINOS E CAPRINOS, 2. João Pessoa, 2003. **Anais...** João Pessoa: EMEPA, 2003. p.71-81
- FAGUNDES, M.M.B; SORIO, A., CRUZETTA, E. Análise das políticas públicas de incentivo à ovinocultura em Mato Grosso do Sul. CONGRESSO BRASILEIRO DA SOCIEDADE

BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46. **Anais...** Rio Branco: UFA, 2007. 12 p.

FAPEC/SEBRAE. *Proposta de elaboração de estudo da cadeia produtiva da ovinocultura em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: FAPEC/SEBRAE, 2006a. 97 p.

FAPEC/SEBRAE. *Atualização de dados dos estudos da cadeia produtiva de bovinocultura no estado de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: FAPEC/SEBRAE, 2006b. 125 p.

GOLDBERG, R. A. *Agribusiness coordination: a systems approach to the wheat, soybean, and florida orange economies*. Cambridge: Harvard University/Graduate School of Business and Administration/Division of Research, 1968.

IBGE. *Cidades*. Disponível em [www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php) Acesso 24 nov 2007

IBGE. *Efetivo dos rebanhos por tipo de rebanho*. Disponível em <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&o=20&i=P&c=73>. Acesso 25 set 2008

IEL. *Estudo sobre a eficiência econômica e competitividade da cadeia agroindustrial da pecuária de corte no Brasil*. Brasília: IEL, 2000. 398 p.

IPLAN. *Plano regional de desenvolvimento sustentável da Grande Dourados*. Campo Grande: IPLAN, 2001 80 p.

MAPA. *Comércio exterior brasileiro*. Disponível em [http://www.agricultura.gov.br/portal/page?\\_pageid=33,969929&\\_dad=portal&\\_schema=PORTAL](http://www.agricultura.gov.br/portal/page?_pageid=33,969929&_dad=portal&_schema=PORTAL). Acesso 25 set 2008

MOREIRA, J.N. et al. *Estudo do circuito de comercialização de carnes de caprinos e ovinos no eixo Petrolina-Juazeiro*. Petrolina:Embrapa CPTSA, 1998. 37 p.

NETO, A.D.B. Análise sistêmica e mercadológica aplicada à definição de objetivos de seleção em ovinos santa Inês. In: SIMPÓSIO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE MELHORAMENTO ANIMAL, 5. **Anais...** Pirassununga: USP, 2004. 13 p.

SEBRAE. *Pesquisa sobre potencial de consumo de carnes de ovinos e caprinos em Fortaleza*. Fortaleza: SEBRAE-CE, 1998. 28 p.

SEBRAE. *Diagnóstico da cadeia produtiva agroindustrial da caprinovinocultura do Rio Grande do Norte*. Natal: SEBRAE-RN, 2001. 146 p.

SEBRAE. *Informações de mercado sobre caprinos e ovinos*. Brasília: SEBRAE, 2006. 73 p.

SIF – Serviço de Inspeção Federal. *Quantidade de abate estadual por ano e espécie*. Disponível em [extranet.agricultura.gov.br/sigsif\\_cons/ap\\_abate\\_estaduais\\_cons](http://extranet.agricultura.gov.br/sigsif_cons/ap_abate_estaduais_cons). Acesso em 25 set 2008

SILVA, R.R. *O agronegócio brasileiro da carne caprina e ovina*. Salvador: Edição do autor, 2002. 111 p

SILVEIRA, H.S. *Coordenação na cadeia produtiva de ovinocultura: o caso do conselho regulador herval premium*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 104 p. (dissertação de Mestrado em Agronegócios)

SIQUEIRA, E. R. *Nordeste abre a porteira para cabras e carneiros*. Revista Alimentação Animal, Botucatu, n.18, abr./jun. 2000.

SORIO, A. Ovinos e caprinos em sistema Voisin nas regiões semiáridas do nordeste e do centro-oeste brasileiro. In: SORIO JUNIOR, H. *Pastoreio Voisin: teorias, práticas, vivências*. Passo Fundo: UPF, 2003. p.340-362

SORIO, A. ,FAGUNDES, M.B.B. Análise da política fiscal sobre a competitividade da carne ovina em Mato Grosso do Sul.Revista Política Agrícola, Brasília, n.20 out/dez 2008 (no prelo).

SORIO, A. ,FAGUNDES, M.B.B. , LEITE, L.R.C Oferta de carne ovina no varejo de Campo Grande (MS): uma abordagem de marketing. Revista Agrarian, Dourados, n.1 jun/ago 2008 (no prelo).

SORIO, A. e MARIANI, M. A Carne Ovina como Possibilidade de Desenvolvimento do Turismo com Base Regional e Local. In SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 5, 2008, Caxias do Sul. **Anais...UCS:Caxias do Sul**, 2008.

SORIO, A. et al. Carne ovina: potencial gastronômico e turístico em Campo Grande (MS). CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL . **Anais...** Belo Horizonte: UFA, 2008.

SOUZA, E.Q. *Análise e segmentação de mercado na ovinocultura no DF*. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. 163p. (Dissertação de mestrado)

VIANA, J.G.A ; SILVEIRA, V.C.P.; ARBAGE, A.P. *Governança da cadeia produtiva da ovinocultura no RS: evidências acerca da transição para uma estrutura híbrida de governança*. CONGRESSO BRASILEIRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 45. **Anais...** Londrina: UEL, 2007. 12 p.

ZILBERSZTAJN, D. *Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial*. In: ZILBERSZTAJN, D; NEVES, M.F. *Economia e gestão dos negócios agroalimentares*. São Paulo: Pioneira, 2000. p.1-21